REFERENCIAL

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

N.º 38 / JANEIRO A MARÇO 95 / ANO 9

EDITORIAL

Ao longo do mês de Fevereiro de 1995 registam-se, pelo país e mesmo na vizinha região espanhola de Vila Nueva del Fresno, diversas inciativas evocando a figura e a vida do marechal Humberto Delgado. De facto, a 13 desse mês, perfaziam- se 30 anos que Humberto Delgado caía, às mãos da PIDE, mas na realidade vítima de um criminoso ainda mais sórdido, cínico e traiçoeiro – o próprio regime salazarista.

Humberto Delgado, dada a projecção nacional e internacional que conquistara, pela sua rotura com o regime, espectacular e corajosa campanha eleitoral, persistente e inconformista combate no exílio, foi a mais destacada figura de um largo número de portugueses, patriotas, amantes da liberdade, lutadores por uma sociedade mais justa, por isso perseguidos e anatematizados por Salazar, presos, torturados e assassinados pelo seu instrumento mais sinistro – a PIDE.

As jornadas evocativas do assassinato do marechal Humberto Delgado foram justas e foram oportunas.

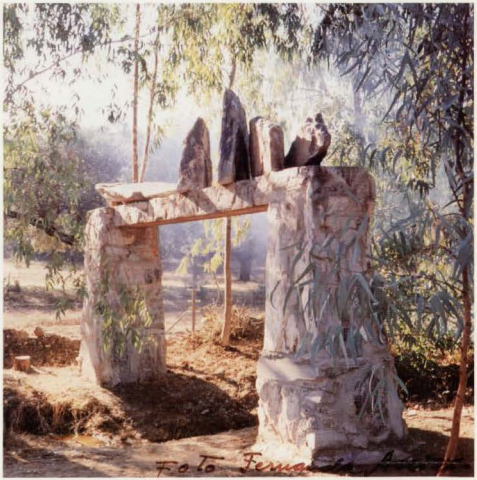
Justas porque homenageiam um homem, uma figura ímpar, pelas suas qualidades de militar, mas também pelo seu valor humano, pela coragem, determinação, comunicabilidade, generosidade com que pôs a sua vida ao serviço da luta contra a tirania.

O marechal Humberto Delgado teve, de facto, um papel decisivo na dinamização da oposição ao regime salazarista.

Passado o clima do pós-Guerra 1939-45 que mobilizara os vários quadrantes democratas na esperança de que a derrota do eixo nazi-fascista teria reflexos em Portugal,a oposição entrara na década de cinquenta em nítida apatia. As " eleições" presidenciais de 1951, pela morte deCarmona, haviam sido pouco mobilizadoras; a guerra-fria e a criação da OTAN e o interesse dos EUA na adesão de Portugal, em virtude da sua posição Atlântica, nomeadamente dos Açores, conferiam a Salazar uma benevolente cobertura das potências ocidentais; os acontecimentos de Dadrá e Nagar-Aveli, no Estado da India, em 1954, ainda não despertariam os portugueses para o problema colonial.

O surgimento de Humberto Delgado como candidato de oposição às "eleições" presidenciais de 1958 constituiria uma verdadeira pedrada no charco. Dissidente do regime de que fora um dos "tenentes do 28 de Maio", jovem e prestigiado general do activo das Forças Armadas, de mérito e valor reconhecido pelos aliados britânicos e americanos, o seu simples alinhamento com a oposição era incómoda para o governo. Mas o dinamismo que conferiu à sua acção, a adesão e mobilização popular que conquistou, a coragem de romper com um certo conformismo bem comportado a que a oposição tradicional se habituara, a capacidade para unir os diversos sectores da oposição, logo o trasformaram de adeversário incómodo em inimigo a abater.

(Continua na pág. 20)



SUMÁRIO

Editorial	1
Convívio	2
Humberto Delgado	3
Da Direcção	10
Recordar a nossa História	12
Das Delegações e Núcleos	14
Mosaico	17
Vida associativa	18
Desporto e Recreio	19

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE:
Associação 25 de Abril
Rua Luís de Camões, 47
2795 Linda-a-Velha

DIRECÇÃO:
Pedro Pezarat Correia

IMPRESSÃO:
Tip. Escola ADFA
Rua Artilharia Um
Telef. 385 35 93
1000 LISBOA

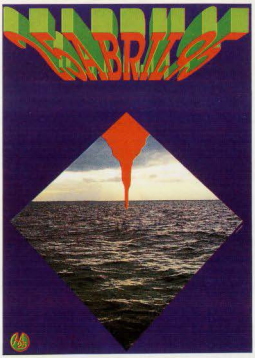
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TIRAGEM:
4500 exemplares

ENDEREÇOS:
Associação 25 de Abril
Rua Luís de Camões, 47 • Tel. 4198105 • Fax 4198130
2795 Linda-a-Velha
DELEGAÇÃO DO NORTE
Apartado 4678
4012 PORTO
DELEGAÇÃO DO CENTRO
Apartado 3041
3000 COIMBRA
DELEGAÇÃO DO CANADÁ
153 Hamilton St
Toronto - Ontario – M4M 2C9
NÚCLEO DO ALENTEJO
Rua Bernardo Santareno, nº 2
Bairro das Nogueiras
7000 ÉVORA
NÚCLEO DO ALGARVE
Rua Francisco Gomes, 18 - 1.º
8000 FARO
NÚCLEO DE CASTELO BRANCO
Bairro Buenos Aires, 47
6000 Castelo Branco

Depósito Legal N.º 32998/89

CONVÍVIO COMEMORATIVO XXI ANIVERSÁRIO



24 DE ABRIL ÀS 21.00 HORAS
ATÉ À ALVORADA DE 25 DE ABRIL
PAV. CARLOS LOPES

JANTAR - CONVÍVIO

DOS ASSOCIADOS E AMIGOS DA A25A,
QUE SE PROLONGARÁ PELA NOITE DENTRO,
ANIMADO COM VARIEDADES

Na capa:

"Nos 30 Anos da Morte, no local da Campa, num barranco-Cesmo de los Mallos Passos."
*Foto do Monumento Megalítico em Homenagem a Humberto Delgado e a todos os Homens e Mulheres que dão a Vida por um ideal – **Liberdade.***
Localiza-se a 6 Km de Villa Nueva del Fresno S. Lourenço – Mourão – Reguengos – Évora.
Autoria de Fernanda Assis.

Nos últimos números temos vindo a transcrever, na secção "Sementes de Abril", alguns textos da "Tribuna Militar", órgão clandestino que os militares democratas publicavam e faziam circular nos princípios da década de sessenta. Neste número, aproveitamos este caderno dedicado ao marechal Humberto Delgado, para incluir um texto, publicado no n.° 1 de Janeiro de 1961, constituído pela transição de declarações do próprio Humberto Delgado ao jornal inglês "New Statesman", de 7 de Dezembro de 1959, acerca da situação política de então no regime salazarista.

DECLARAÇÕES DO GENERAL HUMBERTO DELGADO EM LONDRES

(transcrito do artigo publicado no seminário inglês "New Statesman" de 7 de Dezembro de 1959)

A situação em Portugal pode ser sintetizada por três negativas: não há liberdade, não há moralidade, não há pão.

Sobre o primeiro ponto - falta de liberdade - o artigo 8.° da Constituição, que garante a liberdade de palavra, está praticamente suspenso. Há censura muito apertada, à qual os jornais são obrigados a submeter as provas de todos os artigos que desejem publicar. Foram tomadas medidas judiciais contra um dos melhores escritores, Aquilino Ribeiro, por ter escrito uma novela realista sobre a vida no Norte de Portugal.

Os partidos da Oposição não têm existência legal; são proibidos por lei de formar qualquer organização ou mesmo registar o seu nome e consequentemente não podem alugar casa para sua sede nem ter um arquivo dos seus membros ou fazer reunões. Todos os sete anos - pelo menos assim diz ao mundo o governo de Salazar - os partidos da oposição têm trinta dias de existência legal durante a chamada campanha eleitoral; de facto, mesmo durante este período os seus direitos são severamente limitados. Por exemplo, durante a minha campanha do passado, apenas um dos três comunicados emanados pela oposição apareceu na imprensa, e a célebre fotografia - publicada pelo "New Statesman" em Junho - da vasta multidão esperando por mim no Porto, nunca apareceu em jornais portugueses. O escândalo foi ao ponto da minha secretária ter sido agarrada pela polícia, numa manhã quando saía de minha casa, tendo sido levada para a polícia secreta. A minha correspondêcia foi-lhe tirada por três horas certamente para verem os nomes e moradas dos meus correspondetes.

Uma anedota muito conhecida no exército diz que os oficiais estão sofrendo de «coronelite»- uma insidiosa doença que faz coronéis ansiosos por promoção ficarem fanáticamente devotados ao regime.

Sobre o segundo ponto – moralidade – é notório em Portugal quão difícil é mesmo para os homens profissionalmente muito aptos, ter boa carreira se se tornarem suspeitos ao governo. Um médico que critica o regime não poderá obter lugar num hospital e ninguém pode ser empregado do Estado sem assinar declarações de lealdade. Os exemplos de corrupção estão de tal modo espalhados, que tencionamos, quando estivermos no poder, fazer um inquérito à riqueza ilegalmente adquirida.

Uma anedota muito conhecida no exército diz que os oficiais estão sofrendo de «coronelite»- uma insidiosa doença que faz coronéis ansiosos por promoção ficarem fanáticamente devotados ao regime. Milhares de panfletos foram distribuídos pelo país acusando o ministro da Defesa Nacional e outros ministros de darem contratos aos seus amigos sem seguirem os procedimentos legais normais; essas acusações nunca foram objecto duma resposta. Além disso, num relatório oficial, o inspector colonial Henrique Galvão escreveu que mais de 70% dos funcionários públicos estavam gastando mais do que o seu vencimento oficial; novamente não houve resposta do governo.

O terceiro ponto diz respeito á economia – o campo em que o Dr. Salazar conquistou muito prestígio, fora de Portugal. Vejamos alguns números. Tem sido dito que a dieta média do português é um copo de leite por dia, uma pequena fatia de carne por semana, três ovos por mês e uma galinha por ano. Enquanto na Alemanha, por exemplo, o consumo de carne per capita é de 50 kg. por ano, em Portugal é de 13,5 kg. Na Europa os povos gastam entre 40 e 60 % dos seus salários em alimentos; em Portugal a média é de 75 %.

Ou, pondo a coisa mais simplesmente, o nosso rendimento per capita é cerca de 200 dólares comparando com cerca de 1.600 nos Estados Unidos. O trabalhador português necessita trabalhar 4 horas para comprar meio quilo de carne, um americano meia hora e um francês duas horas. Não nos devemos portanto surpreender de 58 por 1.000, habitantes morrerem de tuberculose pulmonar enquanto que na Holanda o número correspondente é de 5 por 1.000. Enquanto 32% do orçamento são gastos com o Exército , menos de 6 % são devotados à saúde pública e menos de 10% à educação. Como consequência, temos apenas um médico para 1.400 pessoas contra uma média de 1 para 600 no resto da Europa. Enquanto nós temos uma enfermeira para cada 3.000 pessoas, outros países europeus têm uma para cada 600. Um dos resultados disto é que de cada três partos dois não têm assistência médica.

A desigualdade de rendimentos é tão monstruosa que é possível um dirigente duma companhia declarar ganhar 3 milhões de escudos por ano enquanto que o salário duma camponesa é 12 escudos por dia (por vezes apenas 8) trabalhando durante o mau tempo apenas três dias por semana. Isto significa que ela apenas poderá adquirir com o seu salário diario 3 kg de pão.

Diz-se em Portugal que o dinheiro está nas mãos de 50 familias.

Tal situação política económica virou o país contra o governo. Eis porque a oposição acredita que pelo menos 75% dos votos na

(continua na página seguinte)

(continuação da pág. anterior)

Diz-se em Portugal que o dinheiro está nas mãos de 50 famílias.

última eleição presidencial foram a seu favor e pode-se dizer que o Dr. Salazar é mantido apenas pela polícia secreta – PIDE – e pela apatia das Forças Armadas.

A Igreja surpreendentemente deu uma lição ao Exército. Se bem que proclame estar acima da política, há sintomas de que agora discorda da ditadura.

O Bispo do Porto, imediatamente após a minha campanha, escreveu uma carta indignada ao Dr. Salazar detalhando, a miséria económica do país, e expressando a sua repulsa pela situação geral. Apareceram bastantes panfletos assinados por padres tendo um destes – Padre Perestrelo – sido preso em 12 de Março.

Cabe dizer algo sobre a degradação moral da ultima eleição. Em Portugal os votos são mandados pelos candidatos para as pessoas que constam das listas de eleitores. Portanto, se bem que o voto seja secreto em teoria, os funcionários governamentais nos locais de voto podem deferençar entre os votantes notando pequenas diferenças da cor ou espessura do papel, registando os eleitores em conformidade. Deste modo requeremos que os nossos votos fossem impressos no mesmo local dos do candidato do governo. Fomos autorizados mas os impressos foram-nos entregues apenas 48 horas antes do dia da eleição e é fácil ver como nos foi impossível entregá-los com eficiência, mesmo num pequeno país como é Portugal.

... o governo parecia, estar ainda aterrorizado pois no próprio dia da eleição, proibiu, por comunicado oficial, que reresentantes da opsição verificassem a contagem dos votos nos locais de votação.

Não satisfeitos com isto a PIDE deteve alguns dos automóveis que conduziam os votos e apreenderam-nos. A despeito disto o governo parecia estar ainda aterrorizado pois no próprio dia da eleição, proibiu, por comunicado oficial, que representantes da opsição verificassem a contagem dos votos nos locais de votação. Felizmente nalguns locais a ordem não chegou a tempo ou não poude ser executada – onde quer que isto aconteceu vencemos por larga maioria.

Mas mesmo se a versão do Dr. Salazar – que eu tivera apenas 250.000 votos – for aceite, este número ainda representa um quarto do eleitorado, assim se destruindo o mito de que em Portugal a oposição é virtualmente não existente e portanto não tem o direito de falar, escrever e organizar-se. Mas Salazar não deixou dúvidas de que está mais que nunca decidido a esmagar a oposição organizada. Mesmo durante a minha campanha prendeu muitos dos meus adeptos e desde então estes métodos têm continuado.

No que respeita ao futuro, as circunstâncias que esbocei mostram claramente que a ditadura pode apenas ser derrubada por uma revolta armada, que creio ser a dívida que o Exército tem para com a Nação.

Felizmente o movimento abortado de 12 de Março mostra que o Exército começa a agitar-se. Quando chegar o momento da decisão e o Exército actuar eu e os meus apaniguados formaremos um governo provisório que promulgará por decreto as leis requeridas para a transferência para processos democráticos. Entretanto o governo provisório tomará decisões urgentes para minorar a miséria, elevar o nível de vida, libertar os prisioneiros políticos por meio duma amnistia geral, e para dar os primeiros passos em direcção ao estabelecimento de um governo mais descentralizado e democrático nos territórios ultramarinos portugueses.

Humberto Delgado

"Obviamente, demito-o..."

Quando, em Agosto de 1956, se publicou o último da " Tribuna Militar", estava no auge a campanha salazarista de manipulação e distorção da verdade, sobre o assassinato de Humberto Delgado, perpetrado poucos meses antes, procurando, criminosamente, atribuí-la à oposição. Mas a verdade era já então posta nas colunas daquele Boletim do Movimento Militar Independente, que na página 4 incluía a notícia que se trasncreve:

O ASSASSINATO DO GENERAL HUMBERTO DELGADO

Mais um crime cometido pelo,"gang" de Salazar. Desta vez apesar de todos os esforços feitos no sentido de o encobrir, este não passou como centenas de outros, sem o conhecimento da opinião pública nacional e internacional. O ídolo Salazar foi chamado de assassino em todos os jornais e emissoras estrangeiras. Mas no dia em que o crime foi divulgado ao mundo, os nossos meios de informação transmitiam apenas as numerosas mensagens de felicitações, enviadas ao "venerado" Presidente do Concelho, pelo seu aniversário natalício. Deve ter sido um do seus dias de anos mais felizes. A melhor prenda foi-lhe oferecida pelo seu cão de fila Gois Mota, que fez questão em ser ele a dar-lhe os três cadáveres de Badajoz.

Recebemos do nosso associado Filipe Viegas Aleixo o texto que a seguir incluímos, sobre o "Assalto ao Santa Maria". Porque o autor foi um dos participantes nessa jornada de luta contra a ditadura salazarista, constituindo para isso o texto um testemunho inédito e invulgar, resolvemos publicá-lo, exactamente na sua versão original, incluindo-o no Caderno especial sobre o marechal Humberto Delgado, com cuja evocação, aliás, o autor encerra o seu escrito.

O MILAGRE DO SANTA MARIA

A bravura com que um punhado de Homens realizou a grande aventura de ocupação ao Navio Santa Maria, em alto Mar, cuja repercussão despertou a atenção do Mundo para a ditadura que então algemava Portugal, não pode ser esquecida, por várias razões. Primeiro, porque,a realidade de um dos sonhos não fora dos que a oposição sonhou ao longo de 48 anos, enquanto a ditadura pisava os mais elementares direitos do Povo Portugues. Segundo, porque, era preciso despertar a juventude que se debatia numa guerra colonial, para a busca de uma solução politica dum conflito que não tinha solução militar. E, ainda, porque, era preciso despertar um Povo que continuava adormecido perante uma das Histórias mais ricas do Mundo. Eis as principais razões das dificuldades que atravessamos para levar a efeito o grande acontecimento.

Era preciso mostrar ao Povo Português, principalmente à juventude que o desenvolvimento mundial confirma a conclusão fundamental de que a história da sociedade, não é a soma de componentes fortuitos, não é um movimento caótico, mas sim um processo evolutivo e objectivo. As suas contradições, não só condenam o Mundo velho, tudo o que impede de avançar, mas representa a fonte da força motora do progresso social.

Por mais consideráveis que sejam os êxitos da ciência e da técnica, por mais que seja a influência do vertiginoso progresso técnico-científico na vida da sociedade, só a libertação social e espiritual do Homem o torna verdadeiramente livre.

Por maiores que sejam as dificuldades neste caminho – objectivas e artificiais, provocadas pelo velho Mundo – o curso da História é irreversível.As mudanças sociais alteram as condições do posterior desenvolvimento social. Começam a actuar novos factores económicos, e técnicos-científicos, a par dos factores internos e internacionais.

O progresso duma nova sociedade, baseia-se numa economia altamente desenvolvida, numa base científica sólida, num potencial político seguro que represente a Humanidade, e pelo aproveitamento multilateral das riquezas intelectuais e morais do Homem e da sociedade.

A acção do Santa Maria, apesar de não haver tido continuidade por falta de raízes, inclusive, em Portugal, não perdeu a relevância do glorioso acontecimento.

O simpático acolhimento dos passageiros e dos tripulantes, são a prova de que a nossa acção era de facto coberta de uma táctica acertada e estava realmente ajustada à realidade de então. Por isso, o nosso acolhimento no Brasil, surpreendeu a multidão que nos aguardava.

O Milagre do Santa Maria que apareceu em alto mar a vinte e dois de Janeiro de mil novecentos e sessenta e um mostra a bravura de um punhado de homens e a raíz da história da sua ocupação.

Foram êxitos duma acção orientada e politicamente acertada. Porque, o êxito de qualquer causa é sempre determinada numa medida decisiva pelo grau de actividade consciente dos que nela participam e se convencem da justeza do caminho escolhido.

Somente a análise acertada de um acontecimento de tão grande envergadura podia, a partir das dificuldades atravessadas na Venezuela e em La Guáira, porto marítimo de embarque, onde ficou um dos companheiros com as lágrimas nos olhos, por não haver podido embarcar junto aos que embarcaram clandestinos, ver a grandeza da façanha e compreender a razão porque, também o Galvão e mais dois companheiros, embarcaram na Ilha de Curacáu, por razões de segurança. Dificuldades que, surgiram ao longo de toda a ventura, mas que, graças à bravura e táctica com que os 24 homens souberam manter durante os 13 dias em alto mar, se tornaram na realidade dum sonho poético que as páginas da nossa História mantém vivo. Dificuldades que, soubemos tornar simpática perante os passageiros e os tripulantes com quem convivíamos em harmonia, aproveitando as perguntas que nos faziam, para disfarçar quantos éramos e que material tínhamos: "Pois até um caixão que levava um morto, os convencemos que estava cheio de armas e que éramos para cima de cem homens.

Comício eleitoral no Liceu Camões

Foi também com base numa táctica que a enfermeira de bordo convenceu o Galvão de que o médico de bordo estava muito mal, para que fosse levado à Ilha de Santa Luzia, afim de ser tratado.

Foi assim que, a partir de então, imediatamente fomos localizados pela Marinha Norte-Americana em pé de guerra e pela Aviação que, em voos baixos, procurava amedrontar os passageiros, criando-nos dificuldades em convencê-los de que em alto mar ao abrigo das leis internacionais, não nos podiam fazer mal.

É nesta altura também, que aparece a imprensa de avião em pára-quedas com um jornalista francês do Paris Match, e dois portugueses do jornal O Estado de São Paulo, Victor Cunha Rego e Miguel Urbano Rodrigues, à procura das raízes dum sonho que tornou realidade a grande aventura de ocupação do Santa Maria.

Depois desta análise aos principais acontecimentos da verdadeira História do Santa Maria, em que deixo ao leitor a análise dos pormenores, importa ver com atenção a nossa chegada ao Recife, Porto de Embarque Marítimo Brasileiro, onde procedemos à entrega do navio Santa Maria às autoridades Marítimas Brasileiras. É então que, o Comandante Maia e os seus subordinados, ao verem quantos éramos e o material que tínhamos, reagem perante a cerimónia da entrega do navio. Era tarde de mais, como disse o Comandante da Marinha Brasileira.

Perante façanha de tão alta relevância, importa ver com atenção o acolhimento do povo brasileiro que nos contemplava de lágrimas nos olhos, procurando tocar-nos com as mãos para verem se éramos realmente seres humanos como eles ou, alguns super-homens vindos de outro mundo.

Eis a realidade de um sonho, de tantos com que os povos sonham ao longo da vida, das realidades com que os heróis do Povo têm abrilhantado as páginas da nossa História. Razão porque, não podem ser esquecidas, como não podem ser esquecidos os crimes da PIDE aos melhores filhos do Povo Português, entre os quais é digno recordar a destemida figura do General Humberto Delgado.

Filipe Viegas Aleixo

"O Referencial", como ponto de encontro que é de todos os portugueses que se identificam com os valores do 25 de Abril, não podia alhear-se das cerimónias evocativas do assassinato do marechal Humberto Delgado pela PIDE, sob a responsabilidade máxima de Salazar. Até porque Humberto Delgado terá sido, *avant la lettre*, um dos mais genuínos "capitães de Abril".

Do 25 de Abril não resultou toda a justiça que o marechal Humberto Delgado merecia. Porque foi suspeitosamente insuficiente a sentença do julgamento dos seus assassinos e porque, enquanto não for julgado o próprio regime, responsável maior pelo crime que o vitimou, alguma justiça estará por fazer.

Mas foi o 25 de Abril que devolveu a Humberto Delgado o reconhecimento da cidadania, da honra e da dignidade. Com ele, o nome ostracizado e banido do vocabulário oficial do país, foi recuperado para o lugar que lhe é devido na História de Portugal e os seus restos mortais foram trasladados para o Panteão Nacional, com a solenidade conferida aos heróis nacionais.

Foi reconfortante constatar, na cerimónia de Vila Nueva del Fresno, a presença de delegações da Força Aérea Portuguesa e do Colégio Militar. Mas reconheça-se que foi o 25 de Abril que restituiu a Humberto Delgado o convívio destas instituições, das quais fora excluído desde que se apresentara como candidato em oposição ao salazarismo. Foi o 25 de Abril que permitiu que em 1975 fosse inaugurado, no átrio da entrada do Colégio Militar, entre as placas evocativas dos ex-alunos mortos ao serviço da pátria, a deste antigo aluno, dos mais ilustres, mas que a intolerância política não permitira que até então aí figurasse. E foi o 25 de Abril que possibilitou, postumamente, a sua reintegração nas Forças Armadas Portuguesas e a sua promoção posterior a marechal.

Decidiu assim "O Referencial" incluir, neste número, um caderno especial sobre a figura do marechal Humberto Delgado, para o que contou com a colaboração de alguns dos seus associados, que destacam as várias facetas da sua personalidade e da sua vida, do militar, do combatente no exílio, do percursor do 25 de Abril, evocam alguns episódios relacionados com o seu combate contra a ditadura.

É a nossa modesta homenagem a alguém, de quem, de certa maneira, sentimos que recebemos um testemunho.

TEMPOS DE CANALHICE

Viviam-se em Angola os últimos anos de ilusória paz colonial, quando Humberto Delgado deu os primeiros desalentos à brigada do reumático.

O Regimento de Infantaria de Nova Lisboa, comandado por Couceiro Neto, um dos "tenentes" do 28 de Maio, tinha aquele pomposo nome, embora parecesse mais saído da guerra de 14, com armas de caracacá, cofiós, capacetes coloniais e carroças motorizadas.

A certa altura coube-me a incumbência, habitual naquela guarnição, de receber camaradas recém-colocados. À chegada do "mala", também ele um comboio muito colonial, lá desceram os dois novatos, que por sinal eram dois "entradotes", um capitão miliciano, coisa rara nesse tempo, e um tenente também miliciano, ambos com a "famelga" atrás. Lá os encaminhei o melhor que pude e não liguei muito à sinuosa explicação que uma das "madames" me dava daquele serôdio transplante familiar, bem ali para o coração de Angola.

Entretanto, prosseguiu a nossa insípida rotina. Começava de manhã bem cedo na "carreira militar", uma mal amanhada camioneta, com tábuas de "cu tremido", a sacolejar por quilómetros de picada em ondas do mar e buracos de queijo, até ao quartel. Ensonados à ida, mortos por chegar à vinda, a conversa acabava por fluir diversa e animada, em jeito de enganar o tédio.

Com o avanço da candidatura presidencial, apesar dos cuidados que a prudência nos pedia, sempre fomos descaindo para o tema quente e os de coração mais ao pé da boca, como eu, lá mostraram a fé que os movia. Os "entradotes" capitão Amorim e Tenente Fonseca inseriram-se naturalmente naquela tertúlia ambulante.

A campanha eleitoral avançava, fazia-me a vida negra com rádios "relâmpago"

(Continua na pág. 8)

O MONUMENTO MEGALÍTICO DE VILA NUEVA DEL FRESNO

FERNANDA ASSIS

Nasceu em Vale da Pinta, Cartaxo, em 1946-05-17.

De 1960 a 1963 frequentou o atelier livre do pintor Hermano Saraiva Batista no castelo de S. Jorge em Lisboa.

De 1964 a 1968 frequentou o Curso de Desenho e Pintura da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Viveu em Londres nos anos 1966 e 1967, onde conheceu o meio artístico.

Trabalhou na Fábrica de Cerâmica Constância, durante o ano de 1968.

Como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian frequentou a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa de 1967 a 1969, que retomou de 1979 a 1982, no curso de escultura.

Trabalhou no atelier do Professor Escultor Soares Branco.

Numa busca de várias experiências estéticas desenhou os figurinos e cenários para a revista do Teatro ABC "Todos Tesos" em 1983.

Esculpiu:

- O busto do historiador Luís Stubs Bandeira em bronze.

- O busto do fadista António Mello Correia em bronze.

- O busto do General Humberto Delgado para a Brogueira Torres Novas, em bronze.

- A estátua do cauteleiro da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, em bronze.

- O busto do Comendador Fernando Martins, em bronze e mármore branco de Estremoz.

- O busto da escritora Sarah Beirão, Câmara Municipal de Tábua.

- O Monumento a D. Afonso Henriques na Escola de Sargentos do Exército, Caldas da Rainha, 2,50m, bronze e moleanos.

- O busto de Muahfack-al-kedery, bronze e mármore salmão.

- O monumento ao Dr. Sá Cameiro em Sousel, bronze e mármore salmão com vergada.

Decoração do átrio principal do estádio S.L. Benfica.

Cunhou a Medalha do Concelho de Sousel, ouro, prata e bronze.

Cunhou a Medalha do Concelho de Tábua, ouro, prata e bronze.

Decoração com baixos relevos no Hotel Holiday Inn de Lisboa, cobre e latão.

Esculpiu:

- O busto do comendador Hermínio de Azevedo em Sernacelhe, bronze e granito.

- O busto do Dr. Egas de Azevedo. Pontével, bronze e semi-rigo.

Painél de 400 azulejos para o Quartel General da Guarda Fiscal, técnica tradicional.

Monumento ao Bombeiro de Torres-Novas, 4m de altura, bronze e pedra da Serra de Aire.

Esculpiu: O busto do Historiador e director do Jornal Correio do Ribatejo para a Biblioteca Municipal de Santarém, bronze e mármore salmão.

Cunhou a medalha Comemorativa do 100.° aniversário do mesmo Semanário em prata.

Monumento ao Poeta Guilherme de Azevedo para o Largo de Santa Maria, Portas do Sol, em Santarém, bloco Selvagem de Alpinina de Fátima e bronze, 3m de altura.

Monumento ao Dr. Carlos Cacho, Cientista de Energia Nuclear, na Golegã, alpinina e bronze.

Monumento homenagem a Adriano Rovisco dos Santos, Casa Branca-Sousel,monolito de mármore rosa e bronze, 2,50m de altura.

Exposições individuais:

Desenho em 1968, no Estoril

Pintura e escultura em Lisboa, Cartaxo, VilaMoura, Elvas, Borba, Sesimbra, Centro Cultural da Ajuda e Santarém no Forum Cultural.

Exposições Colectivas por todo o País:

Sabugal - 1.ª Bienal

Lisboa - 1.° congresso de Sexologia, exposição na Delegação dos deficientes na Ajuda.

Na Escola Superior de Belas Artes

Sociedade Histórica da Independência

Borba no CEVALOR

Colaboração com a Soxisto e Câmara Municipal de Mourão, Exporeg'94, ExpoÉvora, Barrancos e Villa-Nueva del Fresno.

Desço as ruas do Bairro Alto. No mais profundo dos momentos de Sol, quando nem as cores internas de retina cruzam as células, quando tudo é negro e opaco como um quadrado de alcatrão, nesses momentos em que um engano nos diz que o mundo não existe, que é apenas um estado de espírito, entro numa velha oficina de carpintaria. Ao abrir os olhos, vi aliviada o arrepio infinito da escuridão, a presença em catadupa de objectos, as galáxias de instrumentos, os inexprimíveis espaços que se enchem de substância que não têm nome próprio.

Quando olhei para os mil buracos da inenarrável casa de molduras, poluidamente ocupados por materiais convulsivos, por moléculas densas, por massas de madeira, desperdícios de matérias primas, onde um cheiro a resina me transportou para pinhais das nossas terras aí, nesse organizado caos, duma procura efectuada com o pesadumbredas mãos de carpinteiro, recebo o embrulho das aguarelas de Fernanda Assis.

Se há surpresas que nos momentos de estufa nos permitem um arejamento mental foi aquele.

Com o cuidado de quem abre o tesouro, com a cumplicidade de um obreiro que guarda veredictos, porque no seio de tanta sujidade fortemente acre aquele gesto era

(Continua na pág. seguinte)

(Continuação da pág. anterior)

cúmplice, as manchas que surgiram desmentiram o desaforo do lugar, quando uma a uma as fui lançando na banca do merceneiro, quase paternal. Preciosidade a tanto me atrevo a chamar aqueles corpos que a pintora ocultou num gesto de retorno carnal, não um gesto apenas de devolução, nem de abandono ou de descanso; antes um clamar pelo que é seu, como se sente a pintora e a sua rival – a Terra – houvcsse uma relação mais grave do que por exemplo entre esta e o céu, ou entre rios vermelhos e as sanzonais irrupções da vida. As pregas cósmicas nutrida de cores, os rios escondidos, talvez num corpo que é um espaço cheio, que por força da seiva impertubável que nele corre e que ninguém pode deter toma posse de tudo à sua passagem. A palavra erotismo ficaria a dançar, porque é menos grave que a força bruta e mais catastrófica que o segredo do prazer. E como tudo tem duplicidade no olhar e no ver, no objecto e no dentro do objecto, no dizer e no não dizer, também as cores que Fernanda Assis religou à sua potência suavemente castradora sopram do fundo de uma terra que guarda os corpos e que é por eles guardada.

As mulheres na paisagem. Que fazer delas senão olhá-las naquele olhar estupendamente mamilar, naquele rio que bifurca em dois corpos repentinos, naquela parcela de solque se liquefaz no sanguíneo de uma apoteose, nas sequelas de um entardecer, no lânguido cansaço de amor, numa esperança de posse, no beijo sonolento, na tristeza que guarda as suas monções para os momentos do depois? Que fazer dos dias que brotam dos refêgos de uma paisagem terna, ou subitamente enraivecida? Os vulcões que também se ocultam na linha pertubada dos dedos que acariciam. Rugem rios vermelhos. Choram fins do mundo na volúpia de lábios dissolvidos.

Ouando saí da loja de carpintaria do Bairro Alto, ou velha banca de merceneiro, movi-me pela ruas ainda antigas como se levasse dentro de mim a mão cheia de terra, uma força, ou apenas cores que se roubam aos rios e às folhas, aos céus feitos ápices.

E os meus olhos encheram-se.

IVA DELGADO

TEMPOS DE CANALHICE

(Continuação da pág. 6)

que tinha de decifrar noite e dia – nessas andanças era um verdadeiro faz-tudo, chefe da secção de cifra, operador cripto, dactilógrafo, mensageiro, além de dar a recruta – o Couceiro Neto a ver para onde soprava o vento, o Humberto Delgado sim senhor, velho companheiro dos idos de Maio e depois, à medida que os secretos salazaristas se tornavam mais nervosos, lá foi dando a cambalhota que melhor se lhe aparelhava.

... uma das peles que o camaleão pidesco assumia, com seguras colaborações e compla-cências de alto nível no aparelho militar, que facilitava a entrada e oportunas colocações de milicianos "sui generis".

A grande safadez chegou quando fomos a votos. Alguns de nós ver-se-iam contemplados com aqueles súbitos buracos dos cadernos eleitorais que tanto jeito davam aos "honestíssimos" rapazes da União Nacional. Não foi difícil concluirmos que os buraquinhos tinham acertado em cheio nos autores de bocas oposicionistas.

Andavamos à procura do "bufante", quando constou que um certo alferes, com fama de ter passado pelas greves académicas, pertencia à "famigerada". Custou-nos a engolir uma patifaria daquele lado, mas na dúvida tomámos dali as nossas precauções.

O enigma manteve-se irresolúvel e quase esquecido até que, passados uns bons anos e regressado a Angola, me embasbaquei com o prendado Amorim enpoleirado em número dois da patriótica DGS e o meu "amigo" Fonseca, que mais ainda acamaradara comigo no BC 5 em Lisboa, seu diligente inspector.

Este episódio indicia claramente uma das peles que o camaleão pidesco assumia, com seguras colaborações e complacências de alto nível no aparelho militar, que facilitava a entrada e oportunas colocações de milicianos "sui generis".

Também se podem inferir por outro lado, as desconfianças suscitadas por esse mesmo aparelho aplicavam, naquele caso a colocação de dois importantes quadros da polícia política, mostrando a precaução havida em unidade comandada por rapaz duvidoso e implantada em terras de Norton de Matos.

Muitas e variadas eram as artes pidescas. Como viram, fomos todos enrolados, não sei se uma se várias vezes, e ainda hoje penso no pobre do alferes deitado aos leões pelos dois espertinhos.

E daí, quem sabe? Aquele pegajoso vírus passeava-se onde menos se esperava e mais lhe convinha.

José Fontão

PAGUE AS QUOTAS

DIVULGUE O BOLETIM

DELGADO, AS FORÇAS ARMADAS E O 25 DE ABRIL

"O entusiasmo e o apoio popular"

Quando nos debruçamos, no plano histórico, sobre o papel desempenhado pelo General Delgado no combate contra a Ditadura de Salazar, é grande a tentação de o caracterizarmos como o de um precursor do 25 de Abril. Menos de uma década após o seu assassinato, as Forças Armadas teriam finalmente levado a cabo a missão por que ele dera a sua vida.

Uma tal perspectiva tem simultaneamente algo de verdadeiro e algo de ilusório. Algo de ilusório, desde logo porque, como é sabido, Delgado foi ficando progressivamente isolado dentro das Forças Armadas, a partir da própria campanha eleitoral para a Presidência da República em Maio de 1958. O golpe falhado de Botelho Moniz em Abril de 1961 processa-se já sem qualquer interferência da sua parte, depois de fracassados os apelos que durante e após a campanha de 1958 dirigira àquele general, quer como CEMGFA quer como Ministro da Defesa na sequência da remodelação governamental em que Salazar, salomonicamente, afastou Santos Costa e Marcello Caetano. E o golpe de Beja, em 31-12-61, anulará as últimas possibilidades com que podia contar para derrubar o regime com o apoio da oficialidade intermédia, ao mesmo tempo que o rápido empenhamento das Forças Armadas na guerra colonial cavaria um fosso intransponível entre a sua acção e as suas posições, doravante favoráveis aos Movimentos de Libertação, e a esmagadora maioria dos quadros militares que deixam de questionar a necessidade de prosseguir a guerra. Só assim, aliás, se explica que o seu assassinato às mãos da PIDE em 1965 não tivesse despertado qualquer reacção no seio das Forças Armadas, nem sequer no ramo a que pertencia e de que tinha sido um dos seus mais brilhantes e prestigiados generais. Historicamente, há, pois, um hiato e uma solução de continuidade entre a acção de Delgado e dos seus apoios militares e a geração das Forças Armadas que desencadeia o processo de contestação conducente ao 25 de Abril.

Mas, se não é possível estabelecer uma linha político-militar de continuidade entre o delgadismo e o MFA, nem por isso o carácter precursor do "fenómeno Delgado" deixa de ter a sua verdade. Diríamos mesmo que Delgado e a sua luta antecipam premonitoriamente muito do que veio a ser o 25 de Abril. Em primeiro lugar, pela demonstração prática efectuada da impossibilidade de mobilizar o corpo de oficiais-generais para uma actuação decidida de derrube de Ditadura. Os generais ou se unem em torno do regime quando vêem as massas populares na rua, como na campanha de 1958, ou se limitam a ensaiar golpes palacianos em que a preocupação legalista deita tudo a perder como em Abril de 1961. Em segundo lugar, e consequentemente, pela percepção de que só através da mobilização de núcleos da oficialidade intermédia com um mínimo de sintonia com forças civis oposicionistas se poderia vir a derrubar o regime, com prejuízo, pois, quer para as teses atentistas da "transição pacífica" da oposição moderada quer para as teses utópicas do "levantamento nacional" e da "insurreição popular armada" do Partido Comunista. Em terceiro lugar, pela rapidez com que Delgado, formado embora no pensamento ultranacionalista do Estado Novo, se apercebe do papel estratégico da luta anticolonialista e da insufuciência da solução federalista, que chegara a perfilhar em 1960, num percurso análogo ao dos capitães de Abril.

ANTÓNIO REIS

MIGUEL TORGA

Faleceu Miguel Torga. Não sendo associado da A25A, foi sempre porém, pelo seu comportamento cívico, pelo seu empenhamento democrático, pelo sentido humanista da sua inigualável obra literária, um "homem de Abril". Foi-o como percursor do 25 de Abril, pelo seu posicionamento inequívoco contra a ditadura e contra as injustiças sociais do "Estado Novo". Foi-o depois do 25 de Abril, pelo seu inconformismo e desejo de ver um país decididamente a caminho de uma sociedade mais justa, mais livre, mais à medida do Homem. "O Referencial" não podia silenciar o desaparecimento deste português, que a história registará como uma das grandes figuras nacionais.

Do nosso associado António Arnault, recebemos esta "Evocação de Torga", constituída por excertos do livro "Estudos Torguianos", que com os agradecimentos ao autor incluimos, como nossa modesta homenagem a Miguel Torga.

EVOCAÇÃO DE TORGA

Miguel Torga é o nome literário de Adolfo Correia Rocha, nascido em S. Martinho da Anta, Trás-os-Montes, em 12 de Agosto de 1907. A simbologia do nome (Miguel da Ibéria, e Torga, planta silvestre da montanha portuguesa), traduz uma profunda opção telúrica que foi, desde sempre, a fonte inspiradora da sua obra. O poema "Identificação", escrito na terra-berço em 17 de Setembro de 1987, dá-nos a "chave" do percurso cívico-literário do Poeta, onde a marginalidade se destaca como traço essencial da sua condição:

Desta terra sou feito
Fragas são os meus ossos
Húmus a minha carne
Tenho rugas na alma
E correm-me nas veias
Rios impetuosos
Dou poemas agrestes
E fico também longe
No mapa da nação
Longe e fora de mão...

(DIÁRIO, XV-67)

Filho, neto, bisneto e tetraneto de obscuros, cavadores, carreiros e almocreves, como ele próprio se definiu, acrescentando que, à sua maneira, os seus ancestrais também foram poetas, ficou sempre com o "selo de origem impresso no barro da carne".

. . . . . .

Miguel Torga é uma natureza total, quer dizer, um homem cujo coração bate ao ritmo do coração da terra e cuja alma palpita irmanada pelas alegrias e angústias do seu semelhante. É um escritor cujos frutos sabem a sol, a húmus, a mar e a vento. "Herético até ao fim", isto é, livre em sua consciência, se nunca teve a força de esquecer Deus, teve sempre a coragem de o negar [16]. Aliás, todos os deuses têm os pés de barro e só o homem é um ser absoluto, até porque, como anotou, "cada homem só se pode salvar ou perder sózinho".

A vida e a obra de Miguel Torga estão, pois, marcadas profundamente pela matriz transmontana, alargada à dimensão pátria...

. . . . . .

É essa sinceridade medular, essa autenticidade camponesa, esse carácter inteiriço, exigente mas generoso, que fez de Torga a consciência moral da nação. Foram as fragas transmontanas, os largos horizontes do Marão ("este Marão que eu sou"), o povo que ali moureja, o rio Douro, esse "caudal segredo" que por ali corre, e o negrilho da sua aldeia – a sua àrvore totémica – que lhe ensinaram a descobrir o "plasma matricial da pátria". E foi o mar que alargou o seu "nirvana azul de português". Conhecendo o país palmo a palmo e pedra a pedra, nómada de Pátria que calcorreou como um almocreve, não há escritor português mais identificado com a "terra-mãe", a "terra amada", entendida como realidade física e moral, e que melhor tenha compreendido o nosso povo e esta "nesga de terra debruada de mar".

. . . . . .

O retrato dum poeta é a sua obra. E não há outra, como a de Torga, que ressuma tanta beleza, humanidade e confiança no futuro, vale dizer, que realize tão profundamente a comunhão universal. Escravo da vocação e lutador por um mundo melhor, nunca poupou energias, nem esqueceu as obrigações morais que o vinculam à comunidade, nem temeu as consequências do seu inconformismo, nem mentiu em nenhum verso. Camponês transmontano, cidadão português, escritor universal. Torga é o poeta por antonomásia, porque a poesia é nele tão natural e necessária como o acto de respirar, e porque foi capaz de nos dar o êxtase num verso. Essa entrega total, que o tornou um auto-marginalizado e incompreendido, só foi possível pela conquista persistente da sua liberdade-livre. Como ele escreveu, numa síntese lapidar, a liberdade é uma penosa conquista da solidão. Livre e alodial, mortificado pela perfeição, a lavrar teimosamente o chão maninho da palavra para captar a beleza e dar-nos o homem na sua dimensão esencial, sangrando de inquietação pelo destino da Pátria e da humanidade, rude, por vezes, na sua "lucidez impiedosa", mas sempre fraterno, deixa-nos uma obra tão grandiosa, paradigmática e eloquente como esta paisagem nativa.

Excertos do Livro "ESTUDOS TORGUIANOS de António Arnaut

COMEMORAÇÕES DO XXI ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

Após o grande esforço realizado nas comemorações do XX aniversário, a A25A elaborou um programa bem menos ambicioso para este ano. O que não significa um baixar de braços na contínua defesa dos valores de Abril. Por isso, apelamos à participação dos nossos associados e amigos nos diversos actos comemorativos de Abril. Seja na grande manifestação que, mais uma vez, se realizará em Lisboa, da avenida da Liberdade aos Restauradores, seja nas mais simples actividades que terão lugar por todo o país.
PARTICIPEM E CONTINUEM A REGAR O CRAVO DE ABRIL.

CONVÍVIO

Como referimos na página 2, este ano decidimos inovar: em vez do tradicional almoço ou jantar (como foi em 1994), vamos entrar na madrugada de 25 a conviver e a cantar a "Grândola, Vila morena".

CORRIDA DA LIBERDADE

Mais uma vez, em colaboração com a FPCCR e a CML, vamos organizar a Corrida da Liberdade, em Lisboa, unindo zonas fundamentais da acção militar de Abril de 74, aos Restauradores.
As inscrições podem ser feitas para o telefone 01.888 26 19, até ao dia 21.04.95.

FESTA JOVEM

A experiência de 94 resultou e, por isso, vamos insistir.
Em conjunto com a Câmara Municipal de Almada e com a colaboração das Federações Portuguesas de Ginástica e de Trampolins e de Desportos Acrobáticos e das Associações de Ginástica de Lisboa e de Setúbal, vamos organizar a Festa Jovem.
Trata-se de um festival de ginástica, em que participarão largas centenas de jovens.
Compareçam na Festa Jovem, que se realizará no COMPLEXO DESPORTIVO CIDADE DE ALMADA, em Feijó às 14H30 de 29 de Abril de 1995.

MEDALHA

Este ano o autor da medalha comemorativa volta a ser um militar de Abril. O coronel DIAS GASPAR é responsável pela medalha do XXI aniversário do 25 de Abril. Aqui ficam os nossos agradecimentos e as nossas felicitações.

CARTAZ E AUTOCOLANTE

Mais uma artista que colabora com a A25A.
Os nossos agradecimentos e as nossas felicitações à arquitecta MANUELA RIBEIRO SOARES, autora do cartaz deste ano.

Como em cada ano, participemos na luta pela renovação dos valores de Abril.

V.L.

CICLO "A GUERRA COLONIAL E O 25 DE ABRIL"

BIBLIOTECA MUSEU DA REPÚBLICA E RESISTÊNCIA

"A SOCIEDADE PORTUGUESA NAS VÉSPERAS DO 25 DE ABRIL"
03-04-95 às 18 horas
Prof. Borges Coelho • Juiz Santos de Carvalho • Prof. Dr. Brandão de Brito • António Reis • Helena Neves

"A COMUNICAÇÃO SOCIAL DE EXPRESSÃO PORTUGUESA E A GUERRA COLONIAL"
04-04-95 às 18 horas
Fernando DaCosta • Fernando Assis Pacheco • João Paulo Guerra • Joaquim Furtado

"A LITERATURA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA E A GUERRA COLONIAL"
05-04-95 às 18 horas
Manuel Geraldo • Urbano Tavares Rodrigues • Mário Brochado Coelho • Lídia Jorge • António Modesto Navarro • Luís Rosa • António Viana • João de Melo

"A MÚSICA, O TEATRO E O CINEMA NO INÍCIO DA DÉCADA DE 70"
06-04-95 às 18 horas
Mário Vieira de Carvalho • Luís Cília • Paco Bandeira • Helder Costa • Mário Viegas • João Benard da Costa • João Botelho

"A SITUAÇÃO DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS NO CONTEXTO DA POLÍTICA INTERNACIONAL. QUESTÕES ESTRATÉGICAS."
07-04-95 às 18 horas
João Amaral • Adriano Moreira • César Oliveira • Rosa Coutinho • Medeiros Ferreira

"GUERRA COLONIAL – A RECUSA"
08-04-95 às 15 horas
Mário de Oliveira • Raimundo Narciso • Heduíno Gomes • Benjamin Formigo • Patrícia Lança

"O MOVIMENTO ESTUDANTIL E A GUERRA COLONIAL"
08-04-95 às 18 horas
Isabel do Carmo • Ruben de Carvalho • Eurico de Figueiredo • Diana Andringa • Acácio Barreiros • João Bernardo

"A IGREJA E A GUERRA COLONIAL"
09-04-95 às 16 horas
Felicidade Alves • Frei Bento Domingues • Luís Moita • Nuno Teotónio Pereira • Luís Salgado Matos

"GUERRA À GUERRA COLONIAL"
10-04-95 às 16 horas
Ligia Monteiro • Jaime Serra • João Polido Valente • Picão de Abreu • António Graça • Carlos Antunes

"A GUERRA COLONIAL E MOVIMENTO DOS CAPITÃES DE ABRIL"
11-04-95 às 18 horas
Otelo Saraiva de Carvalho • Vasco Lourenço • Matos Gomes • Brissos de Carvalho • Sanches Osório • Pezarat Corrist • Vítor Alves • Capitão Fernandes

"AS MARCAS DA GUERRA"
12-04-95 às 18 horas
Prof. Afonso de Albuquerque • ADFA - Associação dos Deficientes das Forças Armadas • António Lobo Antunes • Sá Flores • Carmo Vicente • António Calvinho • Dr. Fany Lopes

EXPOSIÇÃO DE PINTURA
António Carmo • António Domingues

EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA E FEIRA DO LIVRO TEMÁTICO SOBRE A GUERRA COLONIAL

ASSOCIADOS FALECIDOS

- Maria Natércia Gomes Lopes
  Sócio efectivo n.º 2365
- Fernando de Oliveira Rodrigues
  Apoiante n.º 606
- Maria Eduarda Alves Ribeiro
  Apoiante n.º 2183

PEDRO TEIXEIRA E A DESCOBERTA DA AMAZÓNIA

Os Tratados de Utrecht e de Madrid no séc. XVIII, foram fundamentais para garantir o extenso território do Brasil.

No entanto, eles foram a expressão jurídica de uma realidade "de facto" construida nos séculos anteriores com o esforço generoso do povo português-colonos, missionários, militares, funcionários, como salienta César Reis (1).

Depois da notável «bandeira de limites» de António Raposo Tavares que, partindo de S. Paulo cruzou o território brasileiro, de leste para oeste, até à Bolívia, e caminhando a norte e nordeste atingiu o Amazonas, por ele descendo até Belém, a expedição fluvial de Pedro Teixeira é, com toda a certeza, o segundo maior feito bandeirante, segundo afirma Max Justo Guedes. (2)

A descoberta da Amazónia para a coroa portuguesa no séc. XVII, ocorreu em circunstâncias especialmente adversas, tanto pela dominação filipina como pela cobiça das outras potências da época, dada a grandeza e riqueza daquele território, o que vem conferir aos seus protagonistas um mérito excepcional.

A conquista da população amerindia para a civilização ocidental, por acção dos portugueses, vai-se revelar um factor decisivo para a obtenção daqueles sucessos.

O Brasil e a Amazónia
A cobiça das potências europeias dos séculos XVI e XVII

A Espanha tinha grandes ambições na Amazónia, desde os princípios do séc. XVI, pois logo em 1501 Vicente Yanez Pinzon, reconheceu a costa norte a que pôs o nome de "Santa Maria da Consolação e Rosto Formoso" e seguindo a noroeste até ao Rio Grande, a que chamou "Santa Maria do Mar Doce" (Rio Amazonas).

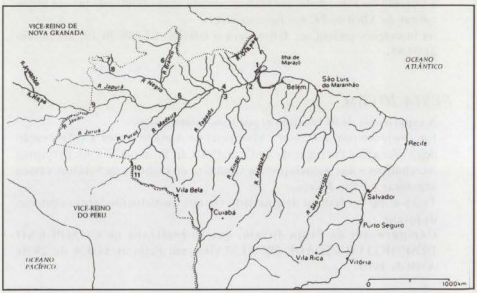
A viagem pioneira no Rio Mar foi realizada por Francisco de Orellana em 1542, facto relatado por Frei Gaspar de Carvajal no "Diário del Viaje Orellana".

Nos fins do séc. XVI, Franceses, Ingleses, Holandeses tentaram reconhecer o litoral amazónico, a partir das Guianas, entrando em relações comerciais com os nativos, dando-se ares de senhores da região em estabelecimentos e fortins que construiram. Não possuiam, porém, direitos a essa região.

Em 1594, os franceses instalaram-se no Maranhão a aliaram-se aos Tupinambás. La Ravardiére foi, mesmo, nomeado governador da França Equinocial e fundou a cidade de S. Luis do Maranhão em 1611.

Quatro anos depois, Alexandre de Moura apoderou-se de S. Luis e mandou seguir Francisco Caldeira Castelo Branco até ao Amazonas, reconhecendo a costa e entrando no Pará. (Fig. 1)

Daqui, dirigiu-se à baía de Guarajá onde fundou em 1616 o fortim do Presépio, sob cuja protecção se ergueria o núcleo urbano de Belém, que é hoje a cidade capital do estado do Pará, o mais importante centro demográfico e cultural da região.



	4 Forte de Óbidos	8 Forte de São Gabriel de Cachoeira
1 Forte de Macapá	5 Forte de São José do Rio Negro	9 Forte de S. Franc. Xavier de Itabaringa
2 Forte de Gurupá	6 Forte de São Joaquim	10 Forte de Bragança
3 Forte de Tapajós	7 Forte de São José das Matabitanas	11 Forte de Príncipe da Beira

Segundo Leslie Bethell, in Colonial Brazil, Cambridge, Cambridge University Press. 1987. p. 251

Fig. 1 - Rede hidrográfica e sistemas defensivos da Amazónia in Frédéric Mauro (coord.). Nova História da Expansão Portuguesa, vol VII: O Império Luso-Brasileiro 1620 – 1750, Lisboa, estampa, 1991.

Os relatórios de André Pereira e de Caldeira Castelo Branco revelam todo o espanto dos exploradores perante as maravilhas do Caudaloso rio, crismando a Amazónia de Feliz Lusitânia.

(Continua na pág. seguinte)

(Continuação da pág. anterior)

A presença francesa tinha sido afastada, mas mantinham-se os estabelecimentos dos ingleses e holandeses até perto do Tapajós.

Em 1616, Pedro Teixeira de regresso a S. Luis, neutraliza os estabelecimentos dos ingleses e domina os Tupinambás e Maués sublevados.

A revolta dos moradores de Belém, em 1619, esteve quase a comprometer a vida da colónia, mas Jerónimo Fragoso de Albuquerque restabeleceu a ordem e os índios rebeldes foram submetidos ou acossados para a floresta.

Em 1619 Jerónimo Fragoso de Albuquerque penetrara no Amazonas até Guanapú e Carepe.

Em 1622 Luis Aranha de Vasconcelos recebia poderes para descobrir o curso do Amazonas e o litoral paraense até ao Cabo Norte.

Os portugueses sob o impulso de Luis Aranha de Vasconcelos, tiveram dificuldades em libertar a margem esquerda do Amazonas das expedições dos fortins anglo-holandeses, levando praticamente trinta anos para o conseguirem.(3)

Pedro Teixeira em 1621 percorrera o Tapajós.

Em 1623 Luis Aranha de Vasconcelos tomou os fortins holandeses de Orange e Nassau, das margens do Xingu e criou a feitoria de Cajari. Construiu-se então o forte de Gurupá.

Em 1627, Costa Favela sobe ao Pacajás afluente do Tocantins.

Em 1628 Pedro Teixeira e Bento Rodrigues prosseguem para o Amazonas superior.

Toda esta incansável actividade de um punhado de portugueses reinois ou do Brasil, sertanistas da Amazónia, mamelucos, a pé ou em verdadeiras flotilhas, vão ultrapassar largamente, para Ocidente, os limites do tratado de Tordesilhas.

Mas Portugal desde a morte de D. Sebastião e do Cardeal D. Henrique, que estava sujeito ao rei de Espanha de que só se libertaria em 1640.

Os portugueses súbditos de Filipe III não cometiam invasão nas suas façanhas, pois trabalhavam para o seu rei, comum às duas nações ibéricas. Tanto assim, que Bento Maciel Parente e Luiz Aranha de Vasconcelos, ilustres sertanistas do Pará, notáveis na campanha para expulsão dos holandeses e ingleses, receberam de Filipe IV, em anos distintos, a incumbência de explorar o Amazonas – o Rio Mar – o que não chegaram a executar.

No entanto, em Madrid quando foi sabida a novidade da fundação do forte do Presépio e examinados os perigos criados pelos "estrangeiros" ou "hereges", como eram conhecidos os povos que aderiram à reforma, o Conselho das índias fez as devidas reflexões àcerca da acção a empreender.

Seria conveniente entregá-la aos luso-brasileiros?

Haveria perigos em confiar a súbditos recentes e de cuja fidelidade ao trono espanhol certamente havia dúvidas?

O espaço amazónico era espaço legítimo da corôa espanhola pelo tratado de Tordesilhas, mas o litoral do Brasil, ao contrário, pertencia à corôa Portuguesa. Como decidir?

Os estabelecimentos espanhóis na Guiana não podiam, realmente, encabeçar a empresa de descer o litoral, em direcção ao delta do Amazonas para, depois de vencido o concorrente "herege", penetrar o grande rio e transformar as suas águas e terras, em parte integrante do Império de Castela.

Esses estabelecimentos ao invés, estiolavam. Andavam em perigo constante face à desenvoltura dos estrangeiros.

Ora, se com eles não era possível contar para tal empreendimento, porque não o confiar aos portugueses que já estavam com o pé na terra amazónica.

Assim, em 1621 pelo aviso de 4 de Novembro, decidiu-se em Madrid, desprezar as restrições que advinham de possíveis perigos de uma acção subterrânea destes, contra os interesses de Espanha, confiando-lhes a tarefa magnânima de subir o Amazonas, destruir as posições dos "hereges" e criar o Império.

Durante cerca de duas décadas a história amazónica escreveu-se, por isso no fragor da luta contra o "herege" e contra a multidão gentia que se mantinha, ora aliada ao estrangeiro, ora decidida a obstar o domínio do novo senhor.

Desse gentio, algum cedera aliando-se ao português, especialmente pela acção dos franciscanos da Província de Santo António.

Frei António de Merciana orientava esses religiosos.

Notas

(1) Arthur Cesar F. reis, *A Expansão Portuguesa na Amazónia nos séc. XVII e XVIII*, Rio de Janeiro, SPVEA, Colecção Pedro Teixeira, 1959, p. 14.

(2) Max Justo Guedes, "Aspectos náuticos da Expedição de Pedro Teixeira (1636-39)", in *A abertura do mundo. Estudos de história dos descobrimentos europeus*, org. Francisco Contente Domingues e Luis Filipe Barreto, vol II, Lisboa, Editorial Presença, 1987, p. 73.

(3) Frederic Mauro (coord.) *Nova História da Expansão Portuguesa*, vol VII: *O Império Luso-brasileiro 1620-1750*, Lisboa, Ed. estampa, 1991, p. 118 e 119.

Texto de Barbosa Pereira

NORTE

Comemorações do 31 de Janeiro

A Delegação da Associação 25 de Abril apoiou as comemorações do 31 de Janeiro deste ano, organizadas pelo Clube de Sargentos do Exército, em conjunto com a Associação 31 de Janeiro, Centros Republicanos do Porto e Associação Nacional de Sargentos.

Fez-se representar na Romagem ao Monumento dos Vencidos, no Cemitério do Prado do Repouso, na cidade do Porto.

Na ocasião usaram da palavra o Presidente do Clube de Sargentos do Exército, um representante de Associação 31 de Janeiro e o Presidente da Direcção da Delegação Norte da A25A.

À noite teve lugar um jantar evocativo no Hotel Batalha, com a presença de largas dezenas de pessoas, tendo nessa altura usado da palavra para evocar a efeméride o Professor José Augusto Seabra.

Seguem-se as intervenções que cada um proferiu.

Intervenção de Chaves Dias, Sargento Chefe, em nome do Clube de Sargentos do Exército

Há 104 Anos, a Monarquia moribunda, hibernava numa letargia agoniante. Faltava um traço de união para que o sentimento de liberdade que invadia a Nação, se transformasse na Revolta !

Nos Quarteis, os Sargentos não viam quaisquer perspectivas de carreira, como povo que eram, sentiam o mal-estar reinante. A humilhação do ultimato Inglês, foi o rastilho para a sua explosão!

Acreditavam nos verdadeiros Ideais da República, ao ponto de, por ela, generosamente terem derramado o seu sangue!

Um Século depois, deixamos quase esvair esses Ideais!

Efectivamente temos de nos penitenciar, reconhecendo que pouco fizemos, porque hoje a Nação está doente!..

Assiste-se a jogos baixos de intriga, escondem-se erros de incompetência e grande amoralidade, a corrupção é o pão nosso de cada dia!

Por tudo isto, eu entendo, que as Forças Armadas devem continuar a ser o pilar moral da Nação. Por tudo isto, eu entendo, que deve ser repudiada qualquer tentativa da sua governamentalização. Por tudo isto, eu entendo, que o novo autodisciplinado apartidarismo nos dá o direito de gritar bem alto: *O REI VAI NÚ*!..

Desiludam-se "Os Velhos do Restelo" se pensam que o medo se instalou. Se estamos como se propala, num estado de direito, a nenhum cidadão, seja ele civil ou militar, pode ser coartada a consciencialização cívica. É tempo de devolver ao cidadão militar os seus direitos fundamentais para que possa prestigiar as Forças Armadas com qualidades de independência e de carácter como devia ser seu apanágio. Embora com ligeiras diferenças, podemos dizer que o 31 de Janeiro de 1891 esteve para a implantação da República, como o 16 de Março esteve para o 25 de Abril. Fazemos votos para que a história não tenha de voltar a repetir-se!

... devo colher o cravo mais vermelho da atenção crítica ao meu tempo e perguntar se foi para isto que tanto sangue correu, ...

... podemos dizer que o 31 de Janeiro de 1891 esteve para a implantação da República, como o 16 de Março esteve para o 25 de Abril.

Vivam os vencidos do 31 de Janeiro
Viva a República
Viva Portugal

Intervenção de José Viale Moutinho junto ao Monumento aos Vencidos do 31 de Janeiro de 1891, no Cemitério do Prado do repouso, Porto em 31/1/1995

Poderia, com certa desenvoltura narrativa, e em tom de convincente epopeia, estribado numa data de livros e jornais da época, evocar as horas de entusiasmo republicano que se transformaram em momentos de angústia, desenvolvidas ao longo da manhã do dia 31 de Janeiro de 1891. Possivelmente estimularia às lágrimas e à comoção indignada, falando dos julgamentos, mais ou menos sumários, de quantos lutaram pela República e foram apanhados pelas malhas da repressão, a bordo dos barcos ancorados em Leixões. O actor Verdial, o jornalista João Chagas, o abade de S. Nicolau, Eduardo de Sousa, o percursor do cinema português Aurélio Paz dos Reis, o panfletário Santos Cardoso, o sargento Abílio de Jesus, o tenente Coelho, sei lá quantos mais! Decerto tudo isto galvanizaria a vossa irritação, afinal necessitando eu de recorrer mais à técnica oratória de recorte demagogo do que a substâncias de história política.

Porém, deixando em paz as memórias e as ossadas dos insubmissos da abortada revolução republicana nos limites deste monumento, devo colher o cravo mais vermelho da atenção crítica ao meu tempo e perguntar se foi para isto que tanto sangue correu, se foi para isto que algumas madrugadas foram atormentadas, se foi para isto que as ideias dos homens de boa vontade, com a noção romântica da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, se lançaram em sucessivas vagas contra as monstruosidades da ditadura.

Na verdade, se com o 25 de Abril de 1974 alcançámos o acesso, conquistado artigo a artigo, às liberdades convertidas em estatuto constitucional na senda do socialismo, agora, o ponto de pré-ruptura a que chegámos, coloca-nos na bifurcação do destino.

Resta-nos o quê, ao cabo de uma dolorosa caminhada, em que a última década foi experiência sem precedentes, à

(Continua na pág. seguinte)

(Continuação da Pág. 14)

conta de um falso europeísmo? Perdemos tanta coisa, perdemos desde elementos de identidade à lavoura de sobrevivência, passando pelas indústrias mais confiadas, perdemos desde a vergonha à capacidade de decisão, assumimos o papel de construtores de estradas e pontes para nos arredarmos de nós próprios e não para nos revisitarmos e reconhecermos. Pagamos, isso sim, todas as portagens com a mais cruel das moedas – não com moedas de escudo, mas com os cartões de crédito da esperança. Com o desespero de uma geração que conheceu guerras e que não cessa de as conhecer na Geografia Política perturbada com que se enfrente. Passámos a dispor do voto útil, a desconfiar da qualidade do que nos pode tornar iguais, a calcular os dividendos da fraternidade e a meter na gaveta a liberdade, receando que nos retirem os magros privilégios, como cotão, que nos restam no fundo dos bolsos da cidadania.

Quem, se eu gritar, escutará a minha voz e estenderá a mão? Em nome de quê se recusa a conjugação do verbo estar com os outros? É este o preço dos passos que demos andando no sentido dos nossos ideais e do universo consentido pela prática democrática? A culpa do estado de coisas não é de ninguém, não há ninguém que assuma de uma vez o erro e se redime corrigindo-o, ou achamos que este errar não é errado e nos portamos como se tudo estivesse bem! Se as coisas estão assim, que fazer? Recordam-se? Aqui há uma data de anos havia um livrinho que andava nas nossas mãos e, em título, perguntava o mesmo, acenando com premissas que, dizem, cairam com o Muro de Berlim.

Que fazer, então, com a nova lei das rolhas que se preparam para fazer silenciar os jornalistas? A quem convém que os Orgãos da Comunicação Social se circunscrevem à cinza das notícias ardidas na lareira da corrupção? Depois da campanha de ler jornais é saber mais vem a adenda de que não falem de mais. A adenda e a lei.

Ao cabo de dez anos de desmantelamento, lento, possessivo e, afinal de contas, parece que eficaz, do espírito colectivo, associativo, participativo, a comunidade encara a grande bipolarização como medida de emergência. Até que ponto o desencanto provoca a abstenção? Até que ponto tudo o que vai acontecer connosco nos inspira ou não as nossas energias de insubmissão?

O Porto contemporâneo conta, no seu haver histórico, duas atitudes corajosas mas extraordinariamente significativas quanto às derrotas que implicaram para os senhores da razão que, afinal de contas, não estavam suficientemente organizados como senhores de dispositivos de força. Naturalmente, refiro-me ao 31 de Janeiro de 1891, que aqui nos obriga há quase cem anos de manifestações, e o quase silenciado 3 de Fevereiro de 1927, cuja tragédia se traduz no signifcativo facto de qualquer lisboeta, mesmo resistente antifascista histórico, dizer, hoje e naturalmente, 7 de Fevereiro. Foi essa diferença cronológica que deitou tudo a perder. Aparte estas duas datas, que nos emprestam dignidade portuense, aonde está a folha viva da regionalização? O que poderemos perder nos próximos tempos à conta de sermos tão europeus como os alemães, os franceses, os ingleses e os castelhanos, mas possivelmente menos iguais? O que é que ainda temos?

Vejam, por exemplo, o Museu Etnológico do Porto, onde se guardavam alguns dos nossos melhores elementos tradicionais – acabaram com ele. A comunidade ficou praticamente indiferente. Desactivaram o Museu Nacional de Literatura. Alguns escritores e escassos leitores mal produziram um inevitável abaixo assinado de protesto. O Museu do Abade de Baçal, em Bragança, acaba de ser arbitrariamente reconstruído ante os protestos de uma população que dele se orgulhava como memória da identidade colectiva. E depois? Até onde chegaram as nossas vozes?

Como é que deixámos passar o Primeiro de Dezembro sem reclamar uma nova independência nacional? (Que entre nós há estrangeiros, gente estranha, tecnocrática, que não se despoja de um olhar informatizado à realidade económica e dispõe de todos nós como cromos numerados para a grande caderneta que lhes foi distribuída. Não são estrangeirados nem iluminados os que se arrogam gerir o nosso património, mas os patos-bravos gerados nos aviários da nossa política mais baixa. E, depois, não será aflitivo, nesta altura do grande jogo político e social do país português, vermos que o apetrechamento ideológico das partes em conflito se encontra marcado por uma situação instalada e arrogante de poder e coerção. Mas também por forças da oposição à beira de um ataque de nervos, de algum modo consciente das suas dificuldades, onde se agita desde já um clientelismo à espreita dos lugares ocupados que eventualrnente lhe cairão nas mãos, caso, como espero, se modifique a correlação de forças na Assembleia da República.

Mas o país português, o país real, está na disposição de dar uma reviravolta política? Ou vamos perder mais esta revolução sem data nem túmulo a que nos possamos agarrar? E, depois, a quem pediremos contas que não seja a nós próprios, iguais, fraternos e libertos? É que hoje, inscrito o dia 31 de Janeiro nos nossos hábitos cívicos, verificamos que eles não se alternam, desde que em 1897 foi erguido este monumento. Aqui têm vindo gerações de republicanos, tantos anos sob a vigilância de sinistros agentes, ouvindo palavras de lamento e revolta, entoando o hino nacional, saindo daqui para a chuva das bastonadas policiais.

Aqui temos vindo como se contássemos que os homens do 31 de Janeiro abençoassem as angústias que nos perturbam e nos mandassen para casa, deixando escrito nas entrelinhas dos cartões que acompanham as flores de homenagem que aqui fica o nosso aturdimento, a indignação voltará dentro de um ano.

De uma vez por todas, isto não pode voltar a acontecer. Doutro modo não teremos aproveitado a lição dos revolucionários do 31 de Janeiro, dos revolucionários do 3 de Fevereiro, dos revolucionários do 25 de Abril. E, a acontecer isso, arriscamo-nos a abandonar na mera categoria de episódios, da anedota histórica e política, os factos históricos que assumimos como decisivos na crónica das nossas gerações.

(Continua na pág. seguinte)

(Continuação da Pág. 15)

Intervenção do Presidente daDirecção da Delegação Norte da A25A

A revolta ocorrida nesta cidade do Porto na madrugada de 31 de Janeiro de 1891 constituiu um "*despertar cívico*" que é referencial do sentimento que, hoje, nos irmana, aqui.

A nossa presença, hoje, aqui, não visa cumprir um mero ritual de homenagem aos vencidos do 31 de Janeiro e dar um viva à República.

Estamos aqui, porque assumimos o significado patriótico e cívico da gesta generosa de um punhado de portugueses (*e portuenses*): oficiais, sargentos e intelectuais –, *como Alves da Veiga, João Chagas, Sampaio Bruno e outros* –, que identificaram a República com a dignidade cívica.

O 31 de Janeiro de 1891 foi, de facto, a afirmação da dignidade cívica contra a humilhação do "Ultimato Inglês", contra o divórcio entre o Estado e a Nação e contra a corrupção da administração pública.

Estamos aqui, porque também dizemos – *como aquele soldado a quem perguntaram o que era a República* – a República é uma "***coisa santa***".

A república é uma "*coisa santa*", porque só nela se pode afirmar uma democracia libertadora, só nela se pode realizar a síntese da liberdade e da democracia política, social, económica e cultural.

Democracia e República só o são, quando procuram ser mais democracia e mais república.

A primeira obrigação dos republicanos é fazer da República um Estado que assegure aos cidadãos a igualdade de direitos e deveres.

O monopólio que os partidos hoje detêm da representatividade política é causador de desigualdades, acentua privilégios (lembremo-nos das reformas dos titulares de cargos públicos) e não se ajusta à necessidade de ver todos os cidadãos representados no Estado.

É preciso uma reforma da República que abra espaço à representação de independentes.

A República identifica-se com a nação, quando a República aprofunda a democracia. Não há democracia sem o contributo das diferenças. A democracia não pode negar a voz às minorias ou voltar-se contra os pobres, os marginalizados ou excluídos socialmente.

O 31 de Janeiro de 1891 foi, de facto, a afirmação da dignidade cívica contra a humilhação do "Ultimato Inglês", contra o divórcio entre o Estado e a Nação e contra a corrupção da administração pública.

Exmos. Senhores:

Comemorar, hoje, o 31 de Janeiro é reafirmar as nossas convicções democráticas, é lutar contra os novos obscurantismos da retórica manipuladora do "*Estado Espectáculo*" que, *desprezando de forma suave*, mas real, a inteligência dos cidadãos, humilha o sentido da nação.

Uma República moderna não pode significar uma República duma democracia formal e que em nome do progresso beneficia alguns e empobrece e marginaliza muitos outros.

Uma República moderna é uma República onde as reformas não obedecem a estratégias de poder; é uma República onde as leis são iguais para todos e todos iguais perante as leis; é uma República que prestigia a representação dos cidadãos; é uma República que combate todas as formas de corrupção.

Administrar a "res-publica" é dar aos cidadãos o que aos cidadãos pertence, é combater o problema da habitação, da justiça, da saúde e da educação; é ter consciência de que o Futuro está na educação; é, por isso, privilegiar a função social da escola e a dignificação dos professores.

Comemorar o 31 de janeiro é, MEUS SENHORES, saudar todos os que lutam com paixão pela causa da nossa dignidade cívica e pelo futuro de Portugal.

Viva o 31 de Janeiro
Viva a República
Viva a Democracia
Viva Portugal

Assembleia Regional Ordinária

Em 11.02.95 teve lugar nas instalações da delegação do Porto da ADFA, a Assembleia Regional da Delegação Norte da A25A, onde além da apresentação e aprovação do Relatório de Actividades da Direcção dessa Delegação durante o ano de 1994, se aproveitou a oportunidade para uma troca de informações sobre assuntos da actualidade para a vida de A25A em geral e desta Delegação em particular.

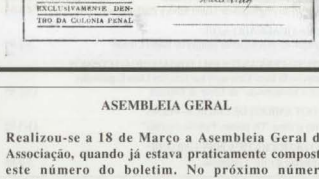
Estiveram presentes vinte e três associados.

X Aniversário da Delegação Norte

Para comemoração do X Aniversário da criação da delegação Norte da A25A, teve lugar em 9 de Março de 1995, no Hotel das Antas, na cidade do Porto, um jantar-convívio em que estiveram presentes algumas dezenas de associados, familiares e amigos da área deste Delegação.

TARRAFAL

A colónia penal do Tarrafal, verdadeiro campo de concentração, era de tal maneira um mundo fechado ao exterior, que até emitia dinheiro especial para circulação interna. O nosso associado João S. Campelo sobrevivente do Tarrafal, enviou-nos uma "cédula" correspondente a 1$00, que pensamos ser uma "peça raríssima". Aqui fica o "fac-smile" dum rectângulo de cartão, que, no original tem cerca de 12x8cm.


COLONIA PENAL DE CABO VERDE

N.º 233

Cédula representativa de Cent: 1$00

O Director,

ESTA CÉDULA CIRCULA EXCLUSIVAMENTE DENTRO DA COLONIA PENAL

ASEMBLEIA GERAL

Realizou-se a 18 de Março a Asembleia Geral da Associação, quando já estava praticamente composto este número do boletim. No próximo número incluiremos uma referência mais detalhada da nossa reunião anual.

DELEGAÇÃO DA A25A NO CANADÁ

Após a formação da Associação Cultural 25 de Abril, em Toronto, como noticiámos no Referencial n.º 37, recebeu a Direcção da A25A uma proposta dos seus responsáveis no sentido de que a mesma se constituísse em Delegação da A25A. Proposta que foi aprovada, passando a Associação 25 de Abril a ter três delegações (recordemos que existem já as delegações do Norte e do Centro).

Bem vindos e felicidades à Delegação da Associação 25 de Abril no Canadá, com sede em Toronto.

BIOGRAFIA DE SALGUEIRO MAIA

A 21 de Março, foi feito o lançamento do livro SALGUEIRO MAIA – Um Homem da Liberdade, da autoria de ANTÓNIO DE SOUSA DUARTE, com edições do Círculo de Leitores e das Edições ASA. Sobre o acontecimento e sobre a obra, daremos notícias mais detalhadas no próximo Boletim.

BOLETIM DA ASMIR

Assumiu a direcção deste nosso colega órgão da Associação dos Militares na Reserva e Reforma, o coronel Amadeu da Silva Carvalho, também associado da A25A. Desejamos ao boletim da ASMIR os maiores êxitos como elo de ligação dos militares organizados numa Associação que já provou ter um papel insubstituível na luta pelos direitos dos militares que, desvinculados do serviço activo, sentem uma nítida fragilidade na sua ligação à hierarquia militar e às estâncias do poder.

Ao nosso consócio coronel Silva Carvalho desejamos as maiores felicidades nas suas funções e oferecemos toda a disponibilidade de "O Referencial" para uma fecunda cooperação.

ADQUIRA NA A25A

LIVROS

- 25 DE ABRIL - NÚMERO ESPECIAL, *da Seara Nova*	750$00
- 96 QUADRAS EM JEITO DE MISSÃO, *de Julião Bernardes*	1.000$00
- A PRIMEIRA COLUNA DE NANPAINOR, *de António S. Viana*	3.200$00
- BALADA DE UMA REVOLUÇÃO, *de Franco Carretas*	1.000$00
- CAPITÃO DE ABRIL, *de Salgueiro Maia*	1.750$00
- CENTURIÕES OU PRETORIANOS, *de Pezarat Correia*	480$00
- DESCOLONIZAÇÃO DE ANGOLA, *de Pezarat Correia*	1.400$00
- NO REGRESSO VINHAM TODOS, *de Vasco Lourenço*	1.400$00
- QUESTIONAR ABRIL, *de Pezarat Correia*	2.600$00
- SEMINÁRIO "10 ANOS DEPOIS", *da A25A*	750$00
- SOMBRAS DE PESSOA(S), *de Julião Bernardes*	1.000$00
- ULTRAMAR... PEQUENAS HISTÓRIAS POR CONTAR, *de José Valentim de de Matos Prata*	1.000$00
- O SENHOR COMENDADOR, *de Cândido Ferreira*	2.380$00
- O UNIVERSO, A NATUREZA, A HOMINIZAÇÃO, *de José Valentim de Matos Prata*	1.000$00
- VIDA E OBRA DE PEDRO NUNES	400$00

DISCOS

- FESTA DE ABRIL *de Adelaide Ferreira, Bombo da festa, Fernando Tordo, José Palma, José Beato, José Mário Branco, Maria Guinot, Pedro Barroso, Tino Flores, Tó Zé Brito e Vitorino*	1.000$00
- XV ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL *- 13 Canções Heróicas de Fernando Lopes Graça - Piano: Madalena Sá Pessoa - Canto: Celeste Amorim*	1.000$00
- MARIA GUINOT	1.000$00

SERIGRAFIAS

- FRANCISCO SIMÕES	7.500$00
- CASQUILHO *(Varinas, Pescadores e Mulheres da Bilha)*	5.000$00 (cada) 12.000$00 (3)
- ANTÓNIO COLAÇO	12.500$00
- ACART	2.500$00

LITOGRAFIA

- JOÃO LUIS	500$00

MEDALHAS DA A25A

-ANOS DE 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90	1.000$00
-ANOS DE 92, 93	1.500$00
-ANO 94	2.500$00

CONVITES FEITOS À A25A

A CASA DO MARQUÊS
Inauguração da exposição de pintura de Hélio Cunha 2-2-95

ANTÓNIO GUTERRES
Sessão de encerramento dos Estados Gerais para uma Nova Maioria 11-3-95

AS DIRECÇÕES DAS ORGANIZAÇÕES REGIONAIS DE LISBOA E SETÚBAL DO PCP
Comício do 74.° Aniversário do PCP 3-3-95

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE SARGENTOS
Sessão e Almoço comemorativo do Aniversário do 31 de Janeiro de 1891 -Dia Nacional do Sargento 28-1-95

BIBLIOTECA MUSEU DA REPÚBLICA E RESISTÊNCIA
Colóquios:
"Estrutura sindical dos bancários. Evolução desde 1968 a 1975" 11-3-95
"A Banca Portuguesa na véspera do 25 de Abril" 13-3-95
"A Banca entre o 25 de Abril de 1974 e o 11 de Março de 1975" 14-3-95
"A Nacionalização" 15-3-95
"A Reprivatização" 16-3-95

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
- Ano Internacional da luta contra o Racismo, a Xenofobia, o Anti- Semitismo e a Exclusão Social 2-1-95
- Inauguração da exposição de pintura" Naif " de Silvana 5-1-95
- Inauguração da exposição de pintura de Tereza Vidigal "A Mulher e a Participação Cívica" 9-1- 95

CÂMARA MUNICIPAL DE REGUENGOS DE MONSARAZ
Comemorações do 30.° Aniversário da morte do general Humberto Delgado 13-2-95

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
- Inauguração da exposição de pintura de Ana Só 14-1-95
- Inauguração da colectiva de pintura "Olhares" de Ana Cristina, Armando José Martins Barata e Cristina Rippa. 18-2-95

CENTRO CULTURAL DE BELÉM
Inauguração da exposição de pintura de Jorge Pinheiro 17-3-95

CLUBE DE SARGENTOS DE AERONAUTICA
Tomada de posse dos Corpos Gerentes 7-1-95

COMISSÃO COORDENADORA DAS CT'S DAS EMPRESAS DO SECTOR BANCÁRIO
Jantar comemorativo da Nacionalização da Banca e dos Seguros 17-3-95

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA
Estreia da peça" Molier" de Mikhail Bulgakov 29/30-12-94

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA CULTURGEST
Inauguração da exposição de José Aurélio 14-3-95

CONSELHO NACIONAL DA CGTP-IN
Colóquio- "sindicalismo e os novos caminhos da sociedade 15-3-95

CONSELHO PORTUGUES PARA A PAZ E COOPERAÇÃO
Encotro/debate 24-2-95

DELEGAÇÃO NORTE DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL
Jantar comemorativodo X Aniversário 9-3-95

O ALCAIDE PRESIDENTE DO AYUNTAIMIENTO DE VILLANUEVA DEL FRESNO/O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE MOURÃO
Inauguracion do Memorial em Homenagem ao General Humberto Delgado 13-2-95

GALERIA DE ARTE CAPITEL
Exposição colectiva 21-1-95
Inauguração da exposição de Artur Franco 11-2-95
Inauguração da exposição de Isabel Silva e Paulo Bento 4-3-95

GALERIA QUADRADO AZUL
Inauguração da exposição de pintura de Pedro Chorão 3-2-95

INSTITUTO CERVANTES EM LISBOA/ EDIÇÃO COSMOS
Lançamento do livro"Cem anos nas relações Luso-Espanholas. Políticas e Económicas" de César de Oliveira 15-2-95

LIGA DOS AMIGOS DE LINDA-A-VELHA
Encontro s/ tema "Os jovens, Família e escola" 11-3-95

UNIÃO DEMOCRÁTICA POPULAR -UDP
Encerramento do 10.° Congresso 5-2-95

OFERTAS À A25A

MEDALHA:
- Comemorativa do 30.° ano da morte do Marechal Humberto Delgado
Oferta de Iva Delgado

FILME:
- Cassete vídeo "Memórias da Revolução"
Oferta da Fábrica de Imagens Lda. (Fernando Matos Silva)

LIVROS:
- "Marconi da TSF às Comunicações Globais"
Oferta do sócio Henrique Joyce Paiva Proença
- "25 de Abril sempre" *de Isabel Cesar Anjo, Maria Isabel Perfira e Alberto Pedroso.*
Oferta da C.M. de Coruche
- 20 Colectâneas de trabalhos premiados no "Concurso Literário 25 de Abril" - Comemo-rativo do 20.° aniversário do 25 de Abril.
Oferta da Associação Cultural e Desportiva de Ferragudo
- Boletim n.° 12 de informação da AACS
Oferta da Alta Autoridade para a Comunicação Social
- O Universo, a Natureza, a Hominização
Oferta do autor sócio, José Valentim de Matos Prata
- "Dramaturgia de Abril" *de Bernardo Santareno, Helder Costa, J. Gomes Ferreira, Carlos Coutinho, J. Salazar Sampaio, L. Francisco Rebello, Mário de Carvalho, Virgílio Martinho*
Oferta da Sociedade Portuguesa de Autores
- "Justiça Militar" - Colóquio Parlamentar
Oferta da Comissão Parlamentar de Defesa
- Relatório do Desenvolvimento Humano 1994
Oferta dos Cadernos do Terceiro Mundo
- "Moderador e Arbitro" - *Entrevista de Mário Soares a Mário Bettencourt Resende*
- Os Lusíadas - Banda Desenhada *de José Ruy*
- Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa de *Magnus Bergstrom e Neves Reis*
- Bem dizer, Bem escrever *de Edite Estrela*
- A Questão Ortográfico *de Edite Estrela*
- Palavras a Propósito de Palavras *de José Pedro Machado*
- Estrangeirismos na Língua Portuguesa *de José Pedro Machado*
- Cultura Portuguesa do n.° 1 ao 18 *de Hernani Cidade e Carlos Selvagem*
- Jogos Populares de Jovens e Adultos *de António Cabral*
- Terra e Canto de Todos *de Viale Moutinho*
- Etnografia Transmontana (vol I e II) *de António Lourenço Fontes*
- Nova História de Portugal *de A. do Carmo Reis*
- Este Livro Que Vos Deixo (vol I e II) *António Aleixo*
- As Grandes Datas da História de Portugal *de António Moreira, Alcino Pedrosa*
- Sistema de Governo Semipresidencial *de Isaltino A. Morais, José Mário F. Almeida e Ricardo Leite Pinto*
- Constituição da República Portuguesa *de J. L. Pereira Coutinho, José Manuel Meirim, Mário Torres e Miguel Lobo Antunes*
- O Diabo Veio ao Enterro *de A. M. Pires Cabral*
- Bonecos de Luz *de Romeu Correia*
- Cais do Ginjal *de Romeu Correia*
- Os Leões não Domem esta Noite *de Guilherme de Melo*
- Raízes de Ódio *de Guilherme de Melo*
- O Lobo Guerrilheiro *de Bento da Cruz*
- Dicionário da Língua Portuguesa *de Fernando J. da Silva*
- Primeira página - Diário de Notícias de 1 864-1994
- A vida das Imagens - Edição Comemorativa do 13.° Aniv. do Diário de Notícias
- Tipos e factos de Lisboa do meu Tempo *de Calderon Dinis*
- Animais políticos por natureza *de Luís de Mascarenhas Semião*
- Confidências de mulheres - *de Cecília Barreira*
- Histórias da vermelhinha - *de Bento da Cruz*
Oferta da Editorial Notícias
- "Portugal Hoje"
Oferta do Instituto Nacional de Administração

VAMOS APRENDER BRIDGE! (27)

Propomo-nos continuar a análise às Respostas às Vozes de Intervenção, por considerarmos ser um capítulo importante mas, curiosamente, muito maltratado por significativa percentagem de praticantes assumidos e presumidos.

A aprendizagem do jogo ou a melhoria sistemática da sua prática, passam por uma atitude de humildade, que aliada a um desejo de conhecer, constituem as vertentes reais do progresso bridgistico, muitas vezes atribuído unicamente ao surdo empirismo duma prática assídua mas não evolutiva, porque fechada em si mesma.

É dentro deste espírito e com esse objectivo que "teimosamente" continuamos a analisar cada um dos capítulos que vos apresentamos.

- RESPOSTAS ÀS VOZES DE INTERVENÇÃO

2 - RESPOSTAS ÀS INTERVENÇÕES EM 1ST

Sabemos que o nosso parceiro ao intervir em 1ST, logo após a uma abertura em 1 em naipe do adversário à sua direita, nos transmitiu que detinha um jogo de 16/18 PH (ou 15/17 PH consoante o sistema utilizado), com, **um mínimo**, de defesa e meia no naipe anunciado pelo abridor (RV8, AD7, A1085, etc.).

É fácil concluir que a intervenção em 1ST, para além de transmitir que detem um jogo com as características de uma abertura em 1ST, ainda afirma que possui defesas seguras no naipe anunciado pelo adversário que abriu o leilão.

É pois uma voz que transmite ao parceiro maior quantidade de informação do que a fornecida ao abrir-se em 1ST.

As intervenções em 1ST consubstanciam-se em leilões do tipo:

N	E	S	W
1 ♦	1ST		

ou

N	E	S	W
Passo	Passo	1 ♥	1ST

Recordo que no leilão:

N	E	S	W
1 ♣	Passo	Passo	1ST

a voz de 1ST proferida por W, não é uma Intervenção, mas sim um Reveil, tendo, neste caso, um significado completamente diferente e, obviamente, obrigando a um distinto desenvolvimento do leilão. Feito este alerta, importará esclarecer que nas respostas às intervenções em 1ST não se utilizam as convenções *STAYMAN* ou *TEXAS*, devendo as vozes dadas ser entendidas como naturais.

Assim, no leilão,:

N	E	S	W
1 ♥	1ST	Passo	2 ♣ / ♦ / ♠

a voz de 2 ♣ / ♦ / ♠ proferida por W transmite ao parceiro uma forte intenção de fazer um contrato ao nível de 2 e com o trunfo ♣ / ♦ / ♠, onde detem um naipe de, **pelo menos**, 5 cartas e uma mão cuja força não lhe permite ambicionar um contrato mais elevado.

W terá uma mão do tipo:

♠ D93
♥ 32
♦ 1052
♣ V97542

É óbvio que com uma mão assim tão fraca, que não garante nenhuma entrada, será mais fácil jogar um contrato trunfado do que passar e deixar o parceiro a jogar 1ST, em que terá muito poucas hipóteses de sucesso, por ter que jogar tudo "do peito", exactamente por não poder "entrar" na nossa mão.

Poderemos interrogar-nos sobre o que fazer se possuirmos em W uma mão do tipo:

♠ RV105
♥ 4
♦ DV64
♣ R985

Após o leilão:

N	E	S	W
1 ♥	1ST	Passo	?

Os 10PH permitem-nos, legitimamente, ambicionar a marcação de Partida. Sabendo que o nosso parceiro tem, pelo menos, defesa e meia a ♥ (onde temos um singleton), será de marcar 3ST?

Não será mais fácil um contrato em 4 ♠, no caso do nosso parceiro deter 4 cartas nesse naipe? Mas, se não posso utilizar o *STAYMAN*, como poderei ter acesso a essa informação?

A forma para resolver a situação passa pela utilização do "cue-bid", o qual interroga o parceiro sobre a existência de 4 cartas, neste caso, de espadas.

N	E	S	W
1 ♥	1ST	Passo	2 ♥
Passo	2 ♠	Passo	4 ♠

ou

N	E	S	W
1 ♥	1ST	Passo	2 ♥
Passo	2ST	Passo	3ST

No primeiro dos leilões anteriores, o jogador E, que interveio em 1ST, possuía 4 cartas de espadas e assim chegou-se ao contrato de 4 nesse naipe, enquanto no segundo leilão acabou por marcar-se 3ST devido ao facto de não existir "fit" a ♠.

A utilização da técnica do "cue-bid", verdadeiro ovo de Colombo, permite assim ultrapassar a interdição de se usar o Stayman no desenvolvimento de leilões sobre uma intervenção em 1ST.

N	E	S	W
1 ♦	1ST	Passo	2 ♦(a)
Passo	2 ♥(b)	Passo	2 ♠(c)
Passo	3 ♠(d)	Passo	4 ♠

No leilão anterior W, ao cuebidar em 2 ♦, interroga o parceiro sobre se tem 4 cartas em ♥ e/ou em ♠.

O jogador em E ao anunciar 2 ♥ afirma possuir 4 cartas de ♥, deixando em aberto a eventualidade de também possuir 4 cartas em ♠.

Ao anunciar 2 ♠(c), W afirma ter 4 cartas em ♠, ao que E responde (d) ter fit nesse naipe, decidindo W marcar a partida.

Importará reter que a utilização do "cue-bid" é sempre, e no caso do desenvolvimento do leilão após a intervenção em 1ST obviamente que também, uma voz forcing para uma volta de leilão, à qual o parceiro não poderá passar, sob pena de perder o direito à cidadania bridgistica.

Até ao próximo número
Um abraço amigo do
Luís Galvão

(continuação da pág. 1)

A acção do marechal Humberto Delgado foi ainda importante pela sensibilização que promoveu em alguns, ainda que poucos, jovens quadros das Forças Armadas, que não só despertaram para o significado de um regime que assim negava qualquer possibilidade de contestação democrática, como se sentiram chocados com a forma indigna como era tratado um seu prestigiado general e com a servil passividade com que a generalidade dos altos quadros da hierarquia assistia à infame destruição de um seu camarada.

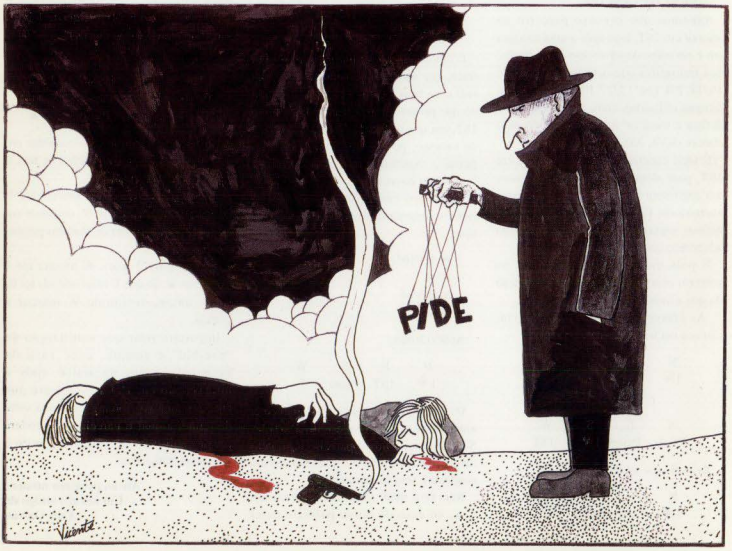
Seria abusivo estabelecer uma ligação directa entre estes jovens militares que se haviam identificado com Humberto Delgado e organizado no "Movimento Militar Independente" e na "Unidade Militar", com o "Movimemto das Forças Armadas" que viria a derrubar o fascismo em 25 de Abril de 1974. No entanto, alguns dos "capitães" impulsionadores do MFA e a generalidade dos oficiais mais antigos que logo aderiram ao 25 de Abril, haviam sido tocados pelo "fenómeno Delgado" pois, como escrevi no meu livro Questionar Abril: "(...) a campanha de Humberto Delgado (...) deixaria marcas profundas que não pararíam de se avolumar e desembocariam directamente no 25 de Abril."

Mas a evocação do assassinato de Humberto Delgado foi também oportuna, como contributo para uma acção cívica de esclarecimento pedagógico sobre a verdadeira natureza do regime fascista português, sobre a hipocrisia dos seus dirigentes e mentores, que importa prosseguir, quando se assiste a uma campanha orquestrada de tentativa de branqueamento e justificação da sua filosofia e da sua prática. Ela constitui uma denúncia da intolerância, da crueldade do salazarismo e dos seus responsáveis, derrubando a máscara do "suave autoritarismo", da "paternal vigilância", da "branda persuasão", dos "mitigados safanões", com que alguns sobreviventes e outros novos apologistas do regime, o pretendem caracterizar, para o absolver. O sistema elevou sempre a repressão até onde a sua sobrevivência o exigia. Quando necessário não hesitava em mentir, difamar, corromper, perseguir, despedir, demitir, prender, torturar, assassinar pessoas; em condicionar, manipular, censurar, travar a circulação de ideias; em intimidar, viciar, impedir, adulterar os resultados de qualquer manifestação da vontade popular.

Humberto Delgado foi vítima de todo este leque de golpes baixos, superiormente comandados por Salazar. E como não se acomodou, foi alvo da mais implacável perseguição, que culminaria no traiçoeiro ardil que o atrairia ao encontro dos assassinos da PIDE que o abateriam friamente.

E a denúncia que esta evocação, 30 anos passados, constituiu, foi mais longe. Permitiu que a generalidade da opinião pública visse confirmado o cinismo com que Salazar, conhecedor das circunstâncias em que Delgado fora assassinado e que ele próprio derteminou se silenciassem, pôde, beneficiando da informação de sentido único que impunha ao país, atribuir á oposição, em plena Assembleia Nacional, o crime por si sancionado, se é que não mesmo decidido.

Há de facto crimes que ainda estão por castigar.

E se de alguma coisa o 25 de Abril pode ser justamente criticado, é por não ter sido capaz de julgar e condenar os mais tenebrosos crimes do fascismo, e o tenebroso crime que constituiu o fascismo em si mesmo.

PEDRO PEZARAT CORREIA